

Avaliação da Ocorrência de Cinomose em Cães Errantes Município de Jataí-GO, considerando fatores etários, raciais e sexuais

Autores: Louise Pereira MORTATE¹; Hugo Ramos **RAPOSO**¹; Valéria de **RESENDE**¹, Hugo Murilo Toledo **MARINHO**¹; Carla Afonso da Silva B. **BRAGA**²; Cecília Nunes Moreira **SANDRINI**²; Thays Nascimento da **COSTA**¹; Arianny Campos **BERNARDO**¹, Lucas Santos **MACHADO**¹;

1-Alunos (as) do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Goiás – CAJ.

2-Professoras

INTRODUÇÃO

A cinomose é uma doença infecto-contagiosa, de caráter agudo, subagudo ou crônico, causada por um RNA-vírus, da família *Paramoxiviridae* (DUNN, 2001). Possui distribuição mundial e é altamente contagiosa e fatal. Em cães, pode ocorrer em qualquer idade, independentemente do estado de vacinação, no entanto, mais comumente afeta animais jovens com imunidade protetora inadequada, não havendo predominância sexual (DUNN, 2001). A transmissão se dá por aerossóis e gotículas infectantes provenientes de secreções de animais infectados (ETTINGER & FELDMAN, 2004). A via de ingresso mais comum é a respiratória, entretanto o vírus pode ingressar pela via digestiva ou conjuntival, através do contato direto com locais e alimentos contaminados por animais enfermos (DUNN, 2001). Os sinais desta doença são bastante variados e podem ser influenciados por fatores como idade, condição corporal, estado imune e cepa viral (ETTINGER & FELDMAN, 2004). A doença assume várias formas durante seu curso, sendo mais diagnosticada a forma nervosa em virtude de sua apresentação clínica, onde são observadas mioclonias, paralisação de membros além de sinais associados aos distúrbios orgânicos (HOSKINS, 1997). O diagnóstico é feito com base em sinais clínicos e os testes sorológicos são utilizados com frequência em casos suspeitos. A caracterização de títulos de anticorpos IgM e IgG pode indicar uma infecção recente ou passada, bem como caracterizar o estado vacinal (ABEL, 2004).

JUSTIFICATIVA:

A cinomose é uma doença viral altamente contagiosa que causa vários distúrbio no animal infectado, sendo de difícil tratamento e alta mortalidade. Por isso é importante o conhecimento do nível de ocorrência da doença para planejamento do controle epidemiológico e profilaxia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram avaliados todos os cães que deram entrada no CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSES (CCZ) da cidade de Jataí-GO, no período de novembro de 2002 a Junho de 2005 totalizando 421 animais. Os cães foram submetidos a um criterioso exame físico, onde foram observados os parâmetros das funções vitais e analisados os sinais que correspondem a alterações indicativas de cinomose como febre, depressão, inapetência, vômito, tosse, diarreia, secreção oculonasal, caracterizando rinite e conjuntivite, pústulas abdominais, linfadenopatia, hiperqueratose dos coxins plantares, convulsões, mioclonias, incoordenação motora, movimentos repetidos dos maxilares, dentre outros. A partir destas alterações foram realizados os diagnósticos clínicos presuntivos da forma crônica progressiva de encefalite da cinomose. O índice de prevalência de cinomose foi determinado pelo quociente entre o número de animais suspeitos de portarem a doença e o número total de animais observados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ocorrência de animais com cinomose, dentro do grupo de estudo, foi de 4,3% (18/421). Este fato pode ser explicado por meio de trabalho realizado pelo Centro Universitário Barão de Mauá, no qual os pesquisadores concluíram que a baixa porcentagem de cães doentes é resultado da manutenção da doença no ambiente urbano, de modo que nem todos os cães susceptíveis são infectados ao mesmo tempo (RICCI & CADDIOLI, 2005).

Dentro do grupo de animais acometidos, 16,67% (3/18) apresentavam idade inferior ou igual a 6 meses. Tais resultados obtidos podem ser explicados pelo fato de que cães com idade inferior a 2 meses ainda possuem imunidade passiva adquirida pelo colostro materno e animais entre 2 a 6 meses de idade ficam mais susceptíveis à doença, pois se encontram na fase de transição da imunidade passiva e ativa, principalmente no caso de cães de áreas urbanas mais pobres, onde o processo de imunização ativa não é realizada criteriosamente pelos proprietários, além destas regiões possuírem maior número de cães errantes, ou que por falta de esclarecimento possuem livre acesso às ruas (DUNN, 2001). Ainda com relação à idade, observou-se que, dos animais avaliados, 33,33% (6/18) tinham entre 7 meses a 1 ano; 38,89% (7/18) entre 1,5 anos a 3 anos; 5,56% (1/18) 8 anos e 5,56% (1/18) sem identificação de idade. Estes resultados concordam parcialmente com DUNN (2001) que afirmam que a categoria mais acometida seria a dos animais jovens. Estudos sorológicos demonstraram que 80% de todos os cães nascidos de cadelas urbanas vacinadas possuem anticorpos frente ao vírus da cinomose até a idade de 8 semanas. Esta proporção diminui em até 10% à idade de 4 a 5 meses, a partir do qual a porcentagem se incrementa lentamente de novo, alcançando 85% na idade de 2 anos (FENNER et al, 1987). Os animais adultos individualmente expostos à infecção, por exemplo, em canis, ficam claramente susceptíveis (DUNN, 2001). Dos animais observados, 55,56% (10/18) eram fêmeas e 44,44% (8/18) eram machos, o que demonstra que não há predileção sexual, como afirma DUNN (2001). Com relação à raça, 77,78% (14/18) eram cães sem raça definida (SRD); 5,56% (1/18) Pastor alemão; 5,56% (1/18) Poodle; 5,56% (1/18) Pincher e 5,56% (1/18) Fila Brasileiro. BEER et al., (1988) relatam que existem certas diferenças na resistência à infecção, a qual é dependente da raça. Para os autores, as raças mais sensíveis são Pastor Alemão, Cocker Spaniel e Setter Irlandês. Com relação a sazonalidade, observou-se que 72,22% (13/18) da cinomose ocorreu no outono; 16,67% (3/18) no inverno e 11,11% (2/18) no verão. Este fato se justifica porque o vírus causador da doença sobrevive melhor em temperaturas e umidade baixas, o que explica a alta incidência no outono e inverno (DUNN, 2001). Para DUNN (2001), nos casos leves o diagnóstico clínico da cinomose pode ser impossível. Nos casos mais graves, a combinação de qualquer um dos sintomas como inflamação conjuntival, sinais respiratórios, diarreia, enfermidade com três semanas ou mais de duração e sinais nervosos, deve dar origem a um diagnóstico presuntivo de cinomose. Todos os animais que deram entrada no (CCZ) se encontravam na fase crônica da doença o que pode se dar ao fato de não terem recebido adequado tratamento na fase inicial da enfermidade.

CONCLUSÃO

Constatou-se que a porcentagem de 4,3% de casos de cinomose observados no estudo teve grande importância no que diz respeito à epidemiologia de tal enfermidade e os dados adicionais relacionados a fatores etários, sexuais, raciais e sazonais, considerando-se a estação do ano, colaboraram para um melhor entendimento dos eventos associados à doença. Como se trata de uma enfermidade de baixa morbidade, mas alta letalidade torna-se importante o seu controle, sendo que o mesmo deve ser realizado através da vacinação

adequada necessitando assim a conscientização dos proprietários quanto ao calendário profilático e restrição do acesso indiscriminado às ruas de seus cães, pois estes correm sério risco de contrair a enfermidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

1. ABEL, L.C.J.; SILVA, M.M.; MALAGUTTI, F.C.; LIMA J.L.L.; SCHEIBEL.. Detecção de anticorpos da classe IGM para parvovirose e cinomose em cães: correlação com achados clínicos. Universidade Paulista-UNIP, 2004.
www.spmv.org.br/compavet2004/trabalhos-medpequ006.htm acesso em 25 de julho de 2005.
3. BEER, J.; Doenças infecciosas em animais domésticos. São Paulo - SP: Rocca, 1998.
4. DUNN, J. K. Infecções específicas caninas. In: McCandlish Tratado de medicina de pequenos animais. São Paulo: Editora Roca, 2001. 1075 p.
5. ETTINGER, S. J., FELDMAN, E. C. Moléstias do cérebro. In: Fenner, W. R., Tratado de medicina interna veterinária. 5ª Ed. São Paulo – SP: Editora Manole, 2004. 3020 p.
6. ETTINGER, S. J., FELDMAN, E. C. Moléstias virais caninas. In: Swango, L. J., Tratado de Medicina Interna Veterinária. 4ª Ed. São Paulo - SP: Editora Manole, 2004. 3020 p.
7. FENNER, F., BACHAMANN, P. A., GIBBIS, P. J., MURPHY, F. A., STUDDERT, M. J., WHITE, O. Virologia veterinária. Zaragoza - Espanha: Acribia, 1987. 659 p.
8. HOSKINS, J. D., A pele. In: Foil, C. S., Pediatria veterinária. Rio de Janeiro: Interlivros, 1997. 601p.
9. RICI, I. P., CADIOLI, F. A. Incidência de cinomose em cães errantes encaminhados ao hospital do Centro Universitário Barão de Mauá. http://www.baraodemaua.br/iniciacao_cientifica/enic/aprovados.php acesso em 25 de julho de 2005.